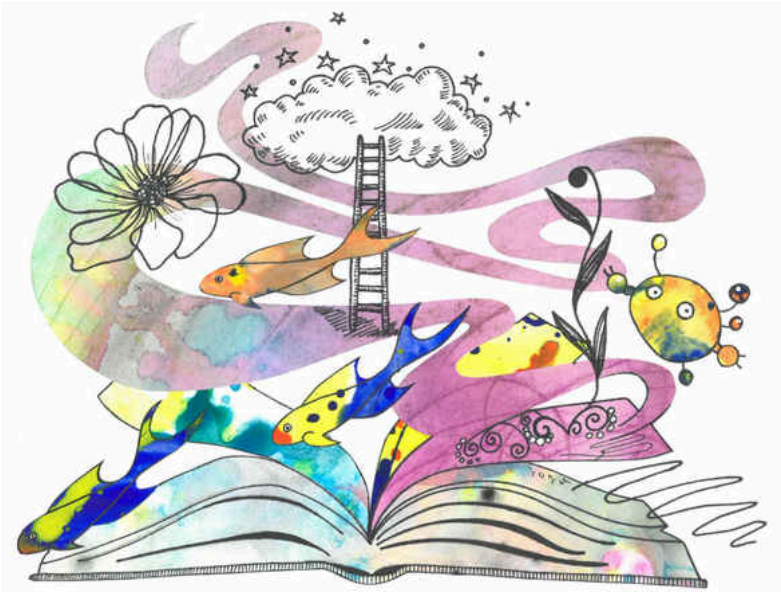
ESCOLA BÁSICA INTEGRADA DOS BISCOITOS

Dois Dedos de Escrita



COLETÂNEA DE TEXTOS

1.º/2.º/3.º ciclos

Ano letivo 2023-2024

REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO
DIREÇÃO REGIONAL DA EDUCAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO EDUCATIVA
ESCOLA BÁSICA INTEGRADA - BISCOITOS

Agradecimentos

Aos nossos alunos que aceitaram o desafio lançado e que se dedicaram verdadeiramente na produção dos seus textos. Assim como aos alunos que voluntariamente ilustraram os textos de alguns dos seus colegas.

Aos professores, titulares ou não, que aderiram ao projeto de boa vontade e que orientaram os alunos na redação dos textos, sugerindo alterações, retificando e verificando os produtos finais.

À professora Sónia Terra cuja ilustração está patente na capa.

A todos aqueles que contribuíram para a concretização deste projeto.

Prof.ª Marilynn Almeida

Ficha Técnica

Título: Dois Dedos de Escrita - Coletânea de Textos - 1.º/2.º/3.º ciclos

Autores: Alunos dos 1º./2.º/3.º ciclos da Escola Básica Integrada dos Biscoitos

Ilustrações: Alunos dos 1.º/2.º/3.º ciclos da Escola Básica Integrada dos Biscoitos

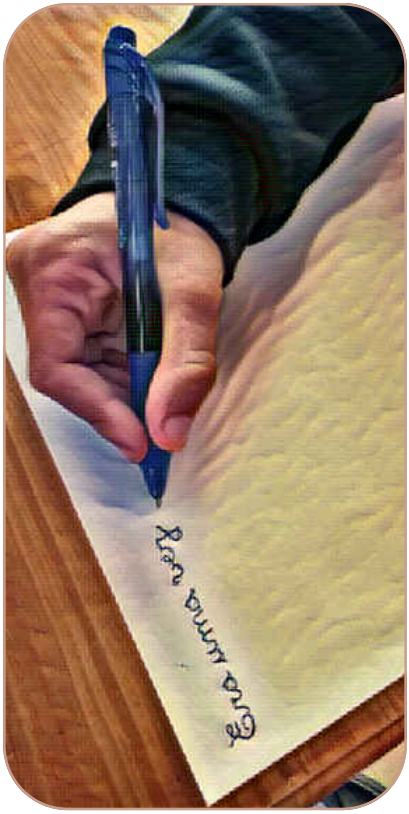
Ilustração da capa: Prof.ª Sónia Terra

Arranjo Gráfico: Prof.ª Marilynn Almeida (recurso ao CANVA)

Editor: Escola Básica Integrada dos Biscoitos

Biscoitos, 2024

Prefácio



A presente coletânea é o resultado do trabalho realizado pelos nossos alunos, dos 1.º/2.º/3.º ciclos, sob a orientação dos seus professores de Português e com o apoio de outros.

Porque vivemos numa época em que as crianças estão cada vez mais dependentes dos aparelhos digitais e menos capazes na leitura e na escrita, o presente projeto tem o intuito de algum modo inverter esta situação.

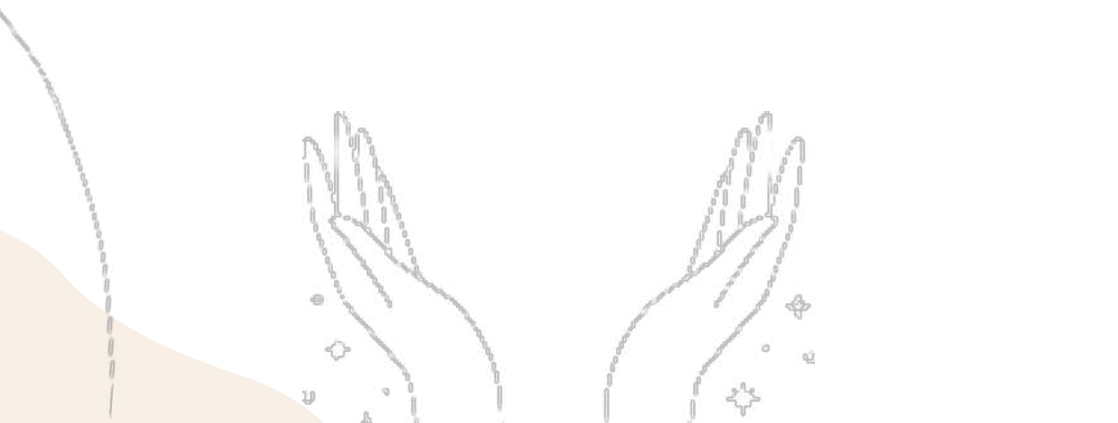
Através desta coletânea, pretende-se motivar os nossos alunos para a escrita e, ao mesmo tempo, dar a conhecer à comunidade escolar os trabalhos desenvolvidos.

De destacar também as ilustrações originais dos nossos alunos.

Prof.ª Marilynn Almeida

“A escrita talvez seja a maior das invenções humanas, ligando pessoas, cidadãos de épocas distantes, que nunca se conheceram. Livros rompem correntes do tempo, prova de que humanos podem fazer magia.”

Carl Sagan



Índice de Textos

Capítulo 1 - 4.º ano

A Armadilha....8
O desespero....10

Capítulo 2 - 5.º ano

Uma aventura no fundo do mar....12
A viagem a Lisboa....14
O Peixe Rei....16
Um peixe espetacular....17
A viagem até ao Titanic....18
Eu e o Peixe Boca Negra....19
O desaparecimento da mãe do peixe....20
O dente perdido....21
O dia em que salvei um peixe....23
A manifestação....25
O rei do mar e o atum....27
O salvamento do peixe-balão....28
O Peixe da Praia....29
A esquisitice....31
A aventura entre mim e o peixe....33
O peixe-espada....34
O atum....35
A ida à procura de Nemo....36
O peixe do mar....38

Capítulo 2 - 6.º ano

A Porta Misteriosa.....41
A Árvore das Portas.....43
A Rapariga Misteriosa.....45
Os animais também são manhosos.....47

Capítulo 3 - 7.º ano

O Rapaz que Não Chora.....49
A pandemia.....53
Arco-Íris.....54
A minha mudança para o campo.....58
Caso sem solução.....59
"O Mundo é um Palco".....64
"O Mundo é um Palco".....65
"O Mundo é um Palco".....66
"O Mundo é um Palco".....67
Poeira de Imagens.....68

Capítulo 4 - 8.º ano

Sobre ela.....77
A Realidade.....78
Ditadura Mascarada.....79

Capítulo 5 - 9.º ano

O Segredo da Floresta Encantada.....82
Errei, fui Poeta.....84
É urgente mudar Portugal.....85

CAPÍTULO 1
4.º ANO

08

A Armadilha

Ao nascer do sol, num bosque deslumbrante, a exploradora Marta acordava com o agravável cantarolar dos pássaros.

Rapidamente, a Marta foi lavar os seus belos olhos azuis e pentear os seus longos cabelos com madeixas de cor de ouro. Também vestiu uma nova roupa para ir explorar o bosque. A Marta é muito desafiadora e aventureira, e adora andar pela natureza e achar tesouros preciosos e secretos.

Alguns minutos depois, Marta passeava pelo bosque até que caiu num buraco disfarçado por folhas secas.

- Autch! A minha perna! - gemeu a Marta com algumas dores. - Mas que armadilha cruel! - reclamou ela.

- De repente, a aventureira ouviu passos em direção ao buraco e, escutou uma voz dócil, mas num tom preocupado.

- Quem está aí?

09

Ao perceber que no buraco que fez não tinha caído nenhum animal, mas sim um humano, Benedita foi imediatamente buscar uma corda resistente para tirar a Marta de lá.

- Espera, já volto! - gritou Benedita.

- Aonde vais? Volta aqui! - pediu a Marta.

Minutos depois, Benedita volta preocupada com uma corda na mão, e atira-a para o buraco fundo.

- Apanha! - mandou Benedita.

- Porque é que eu devo apanhar esta corda? Nem te conheço! - resmungou a Marta.

- Bem... o meu nome é Benedita. Pronto, já me conheces, agora apanha essa corda!

- Ok, ok, mas tira-me daqui! - ordenou a Marta.

Uma hora depois, Benedita conseguiu tirar a exploradora da armadilha. esta perguntou-lhe se ela estava bem, mas a Marta queixava-se de dores numa perna, então Benedita leva-a ao hospital mais perto do bosque.

Algum tempo depois, Marta e Benedita chegam ao hospital e lá contam tudo o que aconteceu, e a vítima é tratada cuidadosamente. Afinal, a Marta apenas tinha sofrido uma pequena lesão. Passados alguns dias já estava melhor, não tinhas dores e brincava normalmente.

For fim, Marta e Benedita tornaram-se grande amigas e fizeram muitas aventuras juntas.

Autora e ilustradora: Leonor Mendes, 4.ºano, Turma D

O desespero

Era uma vez um esquilo avermelhado e alaranjado de olhos castanhos, bondoso e esperto, que lia os seus livros de ação favoritos, na sala de estar da sua toca.

Pouco tempo depois, o esquilo começou a ficar com fome e foi ver se tinha comida nos armários e no frigorífico, mas não encontrou. Ele continuava esfomeado e exclamou:

- Estou cheio de fome, preciso urgentemente de comida!

De imediato, como o esquilo não aguentava mais sentir fome, decidiu ir à procura da sua comida preferida, bolotas fresquinhas. Logo a seguir, do seu quintal, avistou uma azinheira, escalou-a, pegou num saco e encheu-a de bela fruta. Voltou para casa e exclamou:

- Finalmente vou encher a pança!

Por fim, o esquilo encheu os armários e o frigorífico de bolotas e nunca mais teve de apanhar a sua fruta favorita durante um ano e assim pode dedicar-se aos seus livros de ação.

Autora e ilustradora: Nair Santos, 4.ºano, Turma D

CAPÍTULO 2

5.º ANO

Uma aventura no fundo do mar

Certo dia de sol, eu fui à Calheta do Ferro. Aproveitei para brincar, falar e correr. Quando me sentei para descansar um pouco, comecei a ouvir uma voz a chamar-me:

– Anabela, Anabela.

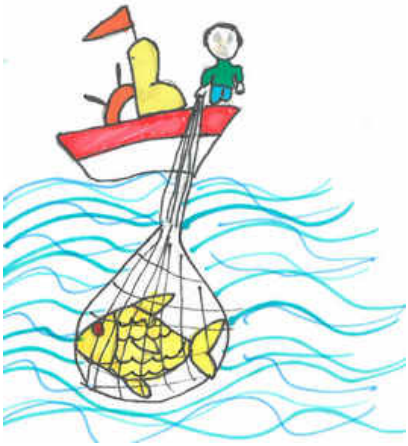
Eu virei-me e vi um peixe que nunca tinha visto: um peixe-gato.

– Anabela, Anabela, vem cá! - continuava a gritar.

Então, eu fui até perto dele e, quando cheguei, fiquei muito espantada. O peixe tinha olhos vermelhos como sangue e escamas douradas como ouro. Era estranho.

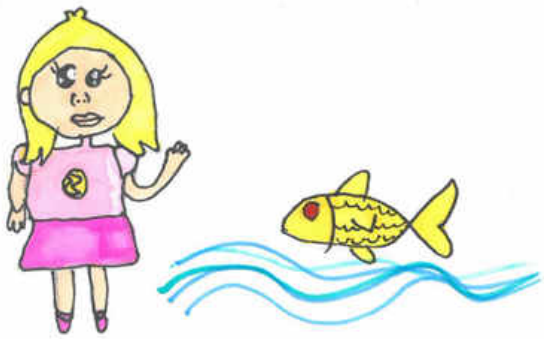
– Vem comigo para o fundo do mar, – pediu – preciso da tua ajuda.

Então, fui ajudar e quando cheguei lá, estava um peixe igual a ele preso numa rede de pescadores que andavam a pescar. Subi à superfície para respirar e voltei para o fundo do mar para o salvar. A rede estava mesmo muito presa, mas, depois de muito esforço, eu consegui libertá-lo.



Finalmente, voltei para terra e o peixe veio sempre atrás de mim.
– Muito obrigado, muito obrigado mesmo. – agradeceu o peixe.
– De nada, – respondi.
– Sempre que precisares de mim, conta comigo. – disse o peixe.
– Agora vou para casa. Até amanhã, peixe.
– Até logo. – respondeu.
E o peixe, muito feliz, voltou para o fundo do mar.

Autora e ilustradora: Anabela Martins, 5.ºA



A viagem a Lisboa

Uma bela tarde, eu estava a preparar as coisas para ir a Lisboa. Depois, fui para o aeroporto e entrei no avião.

Eu visitei vários lugares em Lisboa e depois fui até à Praia Grande. Estava a nadar na água e ouvi um peixe a gritar.

–Aníbal, Aníbal...

Eu fui lá ao pé do peixe e ele estava debaixo de uma pedra. Então, eu ajudei-o. Ele estava magoado, mas conseguia mexer-se e ficou muito feliz, porque eu o socorri.

O nome do peixe era Matias. Ele era vermelho com olhos verdes, mas era muito estranho comparado aos outros peixes.

Eu gostei do peixe, mas tinha que ir para casa.

Pedi ao meu pai para ir à Praia Grande no dia seguinte e ele respondeu que sim, pois era verão e podíamos ir todos os dias para a praia.

Fui dormir e, logo pela manhã, fui para a praia. Encontrei novamente o peixe e trouxe-o para casa, no final do dia.

A partir daí, ficámos bons amigos.

Autor e ilustrador: Aníbal Rebolo, 5.ºA

O Peixe Rei

Num belo dia de verão, eu estava com os meus amigos a saltar para a água, na Calheta do Ferro, nos Biscoitos.

Nessa altura, vi um peixe que falava e que dançava. O peixe parecia um humano e começou a gritar.

– Ajuda-me, por favor! Está um peixe mau nas rochas. – suplicou, assustado.

– Vou ajudar-te na condição de nos tornarmos amigos. – disse-lhe.

Eu fui com o Peixe Rei e encontrámos um peixe de olhos vermelhos como o sangue e escamas pretas como a noite.

– Porque deixaste o meu amigo triste? – interroguei-o.

– Eu sou o vilão desta história! – exclamou o peixe mau.

Nesse momento, o Peixe Rei pediu-lhe:

– Vamos encontrar uma solução para vivermos em paz!

O peixe mau aceitou conversar com o Peixe Rei para resolverem os seus problemas e os dois entenderam-se.

Despedi-me dos dois e regressei para os banhos na piscina.

Autor e lustrador: David Morais, 5.ºA

Um peixe espetacular

Numa tarde, eu fui à Caloura e ouvi um peixe-boi a gritar.

– Ei, bonitão! – gritou o peixe – Põe-me na água.

Eu olhei para trás e para os lados, desconfiado.

– Eu? – perguntei.

– Sim. – afirmou ele.

Eu saltei para a água e disse-lhe:

– Ei, ouve esta piada! – ordenei. – A professora perguntou ao aluno, arroz é com z ou com s? E o aluno respondeu: na escola não sei, mas em minha casa é com feijão.

– Tu és engraçado como o meu irmão. – declarou o peixe.

Vocês não vão acreditar, mas ele levou-me ao fundo do mar e eu vi o Spongebob.

Comi um hamburger em casa do Spongebob, a baleia levou-me ao castelo do pai da Sereia Ariel e, no final, voltei para a Caloura que, para quem não sabe, fica em São Miguel.

Autor e ilustrador: Eduardo Duarte, 5.ºA

A viagem até ao Titanic

Numa belíssima manhã, fui dar um passeio à praia quando, de repente, ouvi uma voz:

– Emília, Emília, ajuda-me! – gritava um peixe – Eu queria mostrar aos meus amigos que conseguia saltar muito alto, mas caí na areia. Podes ajudar-me e pôr-me na água?

– É obvio que sim! – disse eu. – Precisas de mais alguma ajuda? – questionei.

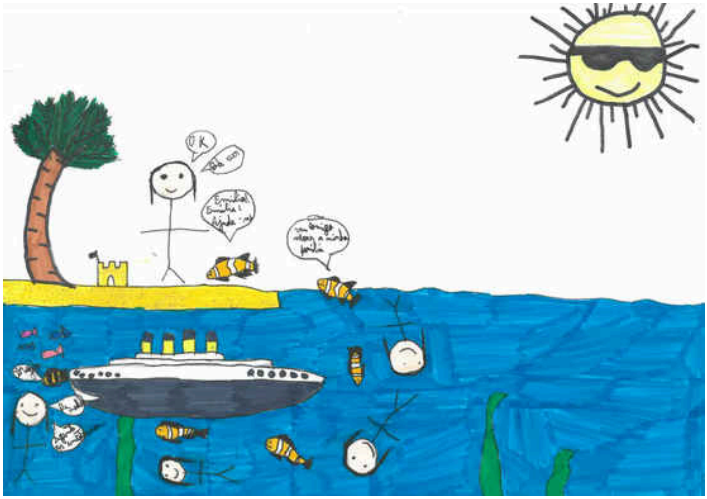
– Por acaso, preciso. Tenho de ir até ao barco do Titanic para salvar a minha família! Queres ajudar-me? – pediu.

– Sim, claro que sim! – respondi, prontamente.

Então, eu e o meu amiguinho fomos até ao Titanic e resgatámos a família dele.

Por fim, eu voltei para a praia. E na despedida, o peixe e a sua família agradeceram-me por ter ajudado a salvar-lhes a vida.

Autora e ilustradora: Emília Silveira, 5.ºA



Eu e o Peixe Boca Negra

Eu estava na Calheta do Ferro a nadar e ouvi um peixe, que estava preso numa rede de pesca, a pedir auxílio...

– Fábio, preciso de ajuda, estou preso numa rede de pesca – disse o peixe.

Por isso, fui logo ajudar o peixe.

– Olá, Peixe Boca Negra. Já estou aqui para te ajudar.

E lá fui eu retirar a rede de pesca que era bem forte e, como agradecimento do peixe, recebi uma recompensa bem deliciosa: bagas e lapas muito gostosas.

– Adeus, Fábio.

– Adeus, Boca Negra. Tem cuidado para não ficares preso de novo.

Autor e ilustrador: Fábio Gomes, 5.ºA

O desaparecimento da mãe do peixe

Numa bela manhã de verão, eu estava a passear na praia, quando um peixe veio até mim.

– Olá, eu estou à procura da minha mãe, porque me perdi dela e não consigo achá-la – contou-me o peixe muito aflito.

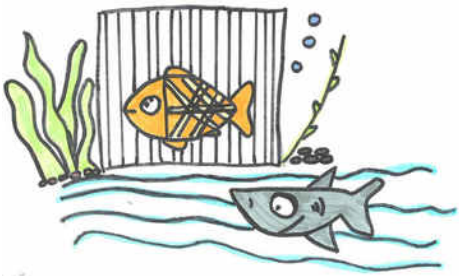
– Eu posso ajudar-te mas, primeiro, preciso saber como ela é para ser mais fácil encontrá-la – disse eu ao peixe.

– Ela tem escamas laranjas e verdes e olhos azuis como o mar – descreveu o peixe.

Depois, fomos pelo mar fora em busca da mãe do peixe.

Algum tempo depois, não tínhamos achado nada, porque haviam várias espécies de peixes no mar, mas, mesmo assim, não desistimos.

Quando fomos para um lugar muito escuro do mar, ouvimos alguém a gritar e fomos ver quem era. Era a mãe do peixe que estava amarrada com muitas cordas, porque tinha sido raptada por um tubarão. Contudo, com muito esforço, conseguimos desamarrá-la.



Voltámos a correr para casa e, no caminho, encontrámos algas marinhas, estrelas do mar e várias outras coisas muito bonitas.

No final, o peixe e a mãe prometeram um ao outro que nunca mais iam separar-se e viveram felizes para sempre.

Autora e ilustradora: Liana Pereira, 5.º A

O dente perdido

Num belo dia de verão, fui passear para a praia de Angra do Heroísmo.

Mais tarde, ouvi alguém ao longe a chamar por mim. Fui lá e vi um tubarão meio enterrado na areia, a gritar:

– Ajuda, ajuda! Alguém me ajude!

– Claro que sim... Só não me mordas! – respondi.

– Eu não mordo, eu só quero a tua ajuda – disse o tubarão.

– Então o que aconteceu? E como te chamas? – perguntei, curiosa.

– Eu chamo-me Sharkyjaw, e o que aconteceu foi... Estava a brincar com os peixes e, de repente, veio uma onda maior e arrastou-me até aqui. Durante esta confusão, caiu-me um dente. – contou ele.

– Ok. Eu ajudo-te e vamos encontrar esse dente! – exclamei.

Segundos depois, fomos à procura do dente. Procurámos, procurámos e procurámos, mas não o encontrámos.

– Se não o encontrarmos, não o posso deixar para que a Fada-dos-dentes o leve! – disse o Sharkyjaw muito triste.

– Fada-dos-dentes?! Vocês têm a Fada-dos-dentes?! – questionei.

– Sim, nós temos uma Fada-dos-dentes – respondeu o Sharkyjaw.

– Agora só nos falta ver o fundo do mar... Eu não posso ir para baixo de água, então dou-te um intercomunicador. – disse-lhe.

Muito tempo mais tarde, o Sharkyjaw (depois de ter perguntado a mais de mil peixes) encontrou um peixe que lhe disse:

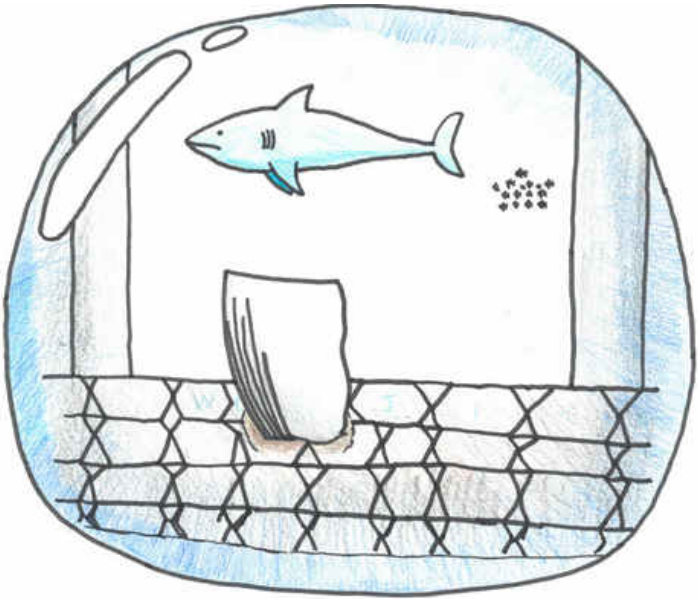
– O dente caiu para dentro do Templo de Wojira.

– O Templo de Wojira? Isso não! – exclamou o Sharkyjaw.

– Não consigo ir lá por causa daquele maldito Kalmaar. – sussurrou – mas vou na mesma.

De repente, deu para ouvir um grito do Kalmaar.

– Tenho de entrar, pegar no meu dente e subir à superfície rapidamente – pensou Sharkyjaw.



Então o tubarão assim fez e regressou até à praia onde eu estava à espera.

– Encontrei o meu dente! – afirmou o tubarão.

– Boa... Eu tenho de ir para casa. Adeus! – disse.

– Adeus! Até a próxima! – despediu-se o Sharkyjaw.

Finalmente, cheguei a casa muito feliz por ter conhecido um tubarão.

Autora e ilustradora: Linda Novotna, 5.ºA

O dia em que salvei um peixe

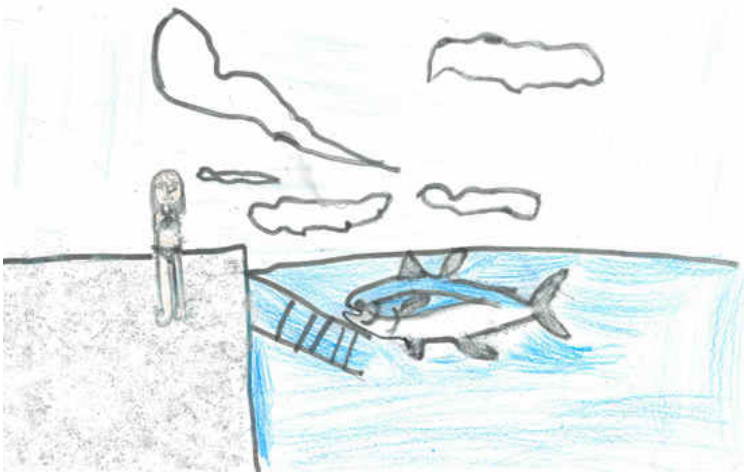
Certa tarde de verão, fui à Calheta e estava preparada para dar um mergulho, quando ouvi um grito:

– Maria, Maria, Maria!

Fui a correr. Era um atum muito bonito como os jardins na primavera.

– O que se passa contigo? – perguntei-lhe.

– Eu queria comer a isca do pescador, mas não consegui e agora estou aqui.



Pensei no que poderia fazer... Chamar o nadador-salvador? Chamar os meus amigos? Ou fazer tudo sozinha?

– Eu vou ajudar-te. Onde é que tu moras?

– Eu moro no Abismo. – respondeu com a voz trémula.

– Eu levo-te até lá.

– Muito obrigada! Muito obrigada! Mas há um problema...

– Qual? – questionei eu.

– Olha... existe um peixe mau no Abismo.

– Eu vou falar com ele. – disse eu, para o acalmar.

Fui até ao Abismo falar com o tal peixe mau. Afinal, era uma baleia gigante, mas muito doce.

– Porque andas a tratar mal os peixes? – indaguei-a.

– Porque são muito maçadores. Aliás, vou mudar-me de sítio, pois aqui tudo é muito maçador. – disse ela com um ar aborrecido.

Fui, rapidamente, ter com o atum.

– Ela já foi embora! – contei-lhe, entusiasmada.

– Muito obrigada pela ajuda, Maria.

– De nada, senhor Atum.

– Adeus, Maria.

– Adeus, senhor Atum.

E regressei a casa muito feliz por ter ajudado o Atum.

Autora e ilustradora: Maria Rocha, 5.ºA

A manifestação

Certo dia, fui à calheta das Quatro Ribeiras. Resolvi nadar e vi peixes rei, rainha, sargos, sardinhas, agulhas e peixes balão, mas também vi um peixe sozinho na água...

– Porque estás sozinho? – Perguntei eu.

– A minha espécie está em extinção. – respondeu o peixe. – Já só há trinta por cento da minha espécie!

– Porquê? – indaguei eu.

– As pessoas adoram comer-nos, somos muito crocantes. – disse ele.

– Mas de que espécie és tu? – questionei.

– Eu sou um peixe panda! – declarou ele.

– Tu és grande como um tubarão! – exclamei. – Espera um pouco, vou ali e já volto.

Fui rapidamente à polícia e perguntei se podia fazer uma manifestação! Disseram-me que sim.

Voltei para a calheta das Quatro Ribeiras e contei-lhe:

– Vamos fazer uma manifestação!

– Como? - perguntou o peixe.

Eu expliquei ao peixe o que era uma manifestação e ele disse que me ia ajudar.

Então, fomos para o centro da vila e começámos a gritar: "Os peixes panda são bons para comer, mas estão a desaparecer".

No final, as pessoas entenderam a mensagem e dali a uns tempos soube que já não estavam em extinção.

O peixe panda agradeceu-me e ficámos bons amigos.

Autora e ilustradora: Mariana Lopes, 5.ºA

O rei do mar e o atum

Era um dia normal de verão e eu não sabia o que me esperava.

Quando cheguei à Calheta, reparei que não havia ninguém na água. Fui nadar e vi um atum. Aproximei-me dele, vi que ele falava, pois estava a cantar a canção do rei do mar. Logo percebeu que eu estava a observá-lo.

– O que fazes aqui? – perguntou o atum.

– Vim nadar. – respondi eu.

– Qual é o teu nome?

– O meu nome é Tomé. E o teu?

– O meu nome é Matias. – respondi.

O peixe conversou comigo durante muito tempo e contou-me sobre vários tesouros. O mais valioso era o tesouro do rei do mar.

Eu e ele nadámos durante muito tempo até chegarmos ao tesouro do rei do mar. Entrámos na caverna, vi o tesouro e peguei no tridente de Poseidon e logo me transformei no rei do mar.

Eu vivi no mar com o meu amigo durante algum tempo, mas eu não era feliz. Então tive de voltar para a minha casa, mas ficámos sempre amigos.

Autor e ilustrador: Matias Lourenço Oliveira, 5.ºA

O salvamento do peixe-balão

Na semana passada, eu estava na Calheta e um peixe-balão pulou da piscina para fora. Era um peixe belo! Tinha os olhos verdes e escamas grandes e finas.

Entretanto, ouvi-o gritar:

– Ó Miguel, Ó Miguel, ajuda-me por favor. – disse o peixe para mim.

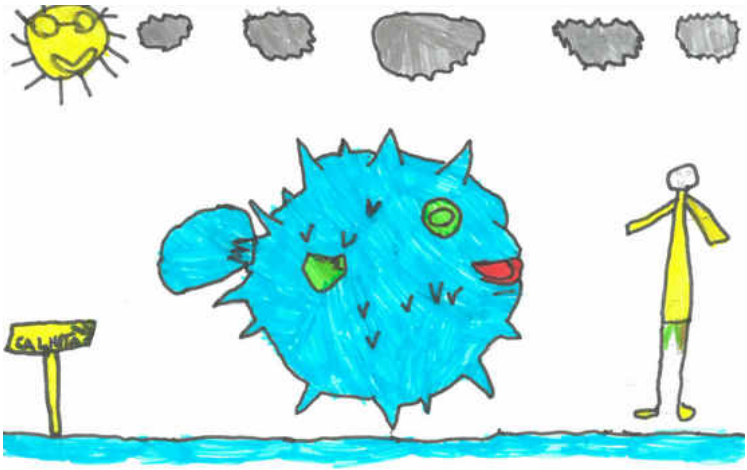
– Claro que te ajudo. O que te aconteceu? – perguntei.

– Eu estava a brincar com os meus amigos e saltei muito alto e por isso caí fora da água.

Peguei no peixe-balão com muito cuidado e coloquei-o de volta na água. Logo a seguir, ficámos a conversar por uma horinha.

O peixe foi embora e eu voltei para casa a pé a pensar no peixe.

Autor e lustrador: Miguel Bettencourt, 5.ºA



O Peixe da Praia

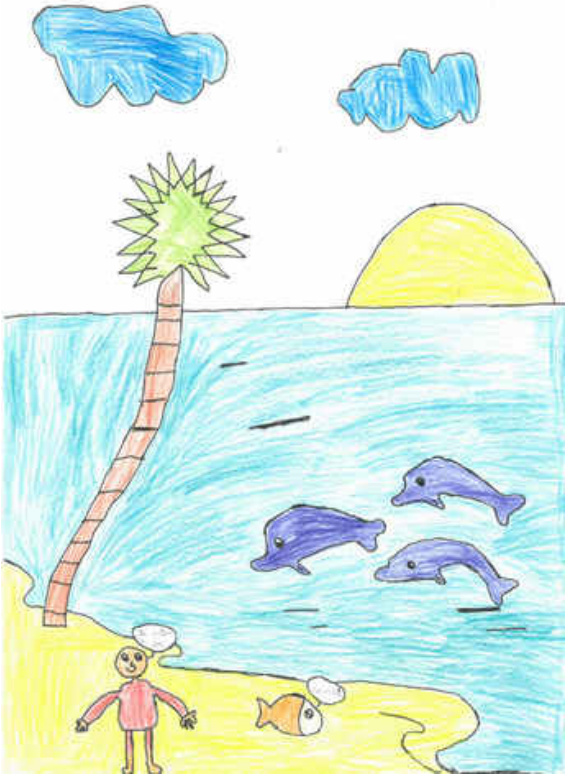
Numa bela tarde, na Praia da Vitória, eu estava na praia e vi um Mero na costa que estava sem saber como voltar para o mar. Por isso, cheguei ao pé dele e perguntei:

– O que se passa, amigo?

E ele respondeu:

– Eu ia apanhar um peixinho e o mar trouxe-me para aqui.

– Então eu vou tentar ajudar-te. Vou colocar-te na água, empurrando-te. – disse-lhe.



Empurrei-o com cuidado, devolvendo-o ao mar.

– Obrigado por me teres colocado de novo na água! Por isso, quero que venhas comigo fazer um passeio debaixo do mar! – convidou o peixe.

Claro que sim, Mero. – Aceitei.

Subi para cima dele e lá começámos o nosso passeio. Bem no fundo mar, vimos tubarões e muitos peixes diferentes.

Depois, o Mero disse-me para irmos visitar um barco que se tinha afundado há dois mil anos. Quando chegámos à embarcação, entrámos lá dentro e encontrámos um baú. Era um tesouro. Estava cheio de moedas e diamantes a brilhar. Pegámos no baú e regressámos à superfície.

Já na praia, despedi-me do Mero e ele despediu-se de mim, fazendo muitas mesuras na água. Ele voltou para o mar e eu regressei a casa.

Nesse dia, fiquei muito feliz, porque conheci um peixe, fiquei amigo dele e ainda trouxe um tesouro para casa.

Autor e ilustrador: Miguel Ramos, 5.ºA

A esquisitice

Houve uma vez que eu fui pescar com o meu avô à Calheta. Estava tudo a correr bem, pois eu e o meu avô estávamos a apanhar muitos peixes. Mas, entretanto, eu apanhei um peixe muito estranho: um chicharro verde. E, então, levei-o para minha casa.

No dia seguinte, fui ver como ele estava. Mas, desta vez, o meu peixe estava vermelho igual a um tomate. Logo pensei «e se ele está doente?». Então fui falar com a minha mãe.

– Mãe, sabes o meu peixe verde? Ele agora está vermelho. O que é que eu faço?

– Filha, talvez o devamos levar ao veterinário – respondeu a minha mãe.

E assim foi, levámos o meu chicharro que era verde, mas que agora estava vermelho, ao veterinário.

Quando chegámos lá, pensávamos que ele estava com uma virose de peixes, mas a veterinária observou-o e disse:

– Senhora, o seu peixe parece normal, apesar de estar vermelho.

Regressámos a casa e coloquei-o novamente no aquário.

Estava eu a ver televisão, quando o peixe me chamou:

– Rosa, ajuda-me! – implorou ele – No dia em que me pescaste, eu ia conhecer o meu pai, porque nunca o tinha visto.

– Desculpa, sinto muito. – respondi. – Mas queres ir procurá-lo comigo?

– Sim! – respondeu, eufórico.

A minha mãe não podia saber que o chicharro, para além de mudar de cor, também falava e, para ela não desconfiar, disse-lhe que ia à loja comprar coisas para o peixe.

Nós viajámos até África para encontrar o seu pai. Quando chegámos, vimos muitos camaleões.

– Algum de vós é o pai do meu chicharrinho? – gritei eu.

– Sou eu. – disse o guardião dos camaleões.

– Pai, tive tantas saudades tuas. – afirmou o peixe.

Chegou a hora de nos despedirmos.

Obrigado por tudo. – agradeceu o peixe.

– De nada. – respondi, quase a chorar.

Quando ele foi embora, estava muito feliz, mas logo regressou:

– Quero ficar contigo, porque tu me ajudaste muito e és muito boa amiga.

E esse foi o dia em que fiquei amiga de um chicharro camaleão.

Autora e ilustradora: Rosa Domingues, 5.º A

A aventura entre mim e o peixe

Certa vez, eu estava a passear na Praia da Vitória e vi um peixe a saltar fora da água.

– Salvem-me! – gritava o peixe, muito aflito.

E lá fui eu ajudá-lo. Coloquei-o imediatamente na água. Era um peixe bonito, alegre e grande. Bonito como uma flor, alegre como uma criança quando recebe uma prenda e grande como uma torre.

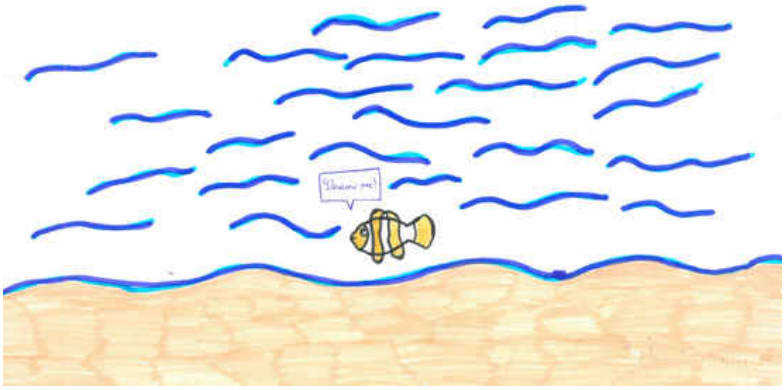
– Pronto, já estás na água. – afirmei eu.

– Obrigado! Agora vem até aqui. Quero levar-te a minha casa! - disse o peixe.

E lá fomos nós mar adentro. Ele apresentou-me a sua esposa, mostrou-me a sua casa e guiou-me numa visita ao fundo do mar.

No fim, despedi-me do peixe e regressei a casa.

Autor e lustrador: Santiago Parreira, 5.ºA



O peixe-espada

Eu estava a andar pela Prainha e, de repente, vi um peixe-espada. O peixe estava na areia, bem longe da água, e chamou por mim.

– Vem ajudar-me! – gritou o peixe.

Mas eu pensei que era da minha cabeça, porque nunca me tinha acontecido nada parecido. Por isso, eu ignorei e segui em frente.

– Por favor, vem ajudar-me! – pediu novamente, muito aflito.

Foi aí que eu reparei que era um peixe-espada que estava fora do mar, quase a morrer, e corri para o ajudar.

– Vem comigo até ao fundo do mar para veres uma coisa bem constrangedora. – disse o peixe.

Pensei que não era nada de mais, mas, quando cheguei lá abaixo, fiquei assustada, pois havia outro peixe-espada preso numa rede caída de um navio. E claro que, logo, o libertei da rede.

Eles agradeceram-me, foram ter com os filhos deles e eu regressei a casa admirada com tudo o que tinha vivido nesse dia.

Autora e ilustradora: Sheila Miranda, 5.ºA

O atum

Estava um dia lindo dia de sol e sem nuvens. Eu encontrava-me na Calheta.

Resolvi dar um mergulho ao fundo do mar e vi vários peixes a nadar ao meu lado. De repente, ao longe, ouvi um atum a chamar pelo meu nome, seguido de um pedido de socorro:

– Simão, Simão! Ajuda-me a mim e aos meus filhos.

Então, fui até lá e encontrei uma moreia a prendê-los numa gruta de peixes.

Para os ajudar, gritei:

– Moreia, solta-os! Caso contrário, dou-te um soco na cara.

Mas ela só se riu.

– Ah, ah, ah! Tu não consegues dar-me um soco! É mais fácil eu dar-te uma dentada.

– Ah, ah, ah! – riu-se outra vez.

Fiquei com muita raiva da moreia, fui ao encontro dela e dei-lhe um soco no nariz.

– Ah, ah, ah. Toma!

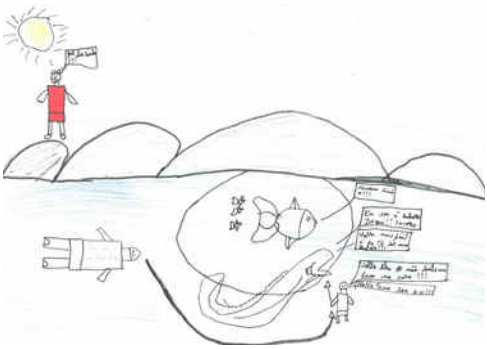
A moreia fugiu assustada com a minha bravura.

No final, eu consegui libertar o atum e seus filhos.

– Muito obrigado, mesmo. – Agradeceram todos.

E, para recuperar desta aventura, estendi-me ao sol.

Autor e ilustrador: Simão Soares, 5.ºA



36

A ida à procura do Nemo

Certo dia, estava eu com uma amiga minha a tomar banho na Calheta do Ferro. De repente, um peixe começou a chamar-nos, muito aflito, dizendo que o seu amigo estava quase a morrer. E pediu ajuda para salvar o amigo.

Eu chamei pela Verónica, que estava a dormir, e ela ficou muito chateada.

– Porque não pediste ajuda na tua cidade, ou sei lá, o que tem lá no fundo? – resmungou ela.

Depois pedi desculpa ao peixe, porque ela estava muito irritada.

– Por favor, ajudem-me. – suplicou o peixe.

– Eu e a Verónica ajudamos-te, mas lembra-te que nós não respiramos debaixo de água! – exclamei eu.

– Eu sei. Tenho um comprimido que vos permitirá respirar debaixo de água mais de onze horas depois de o tomarem. – disse o peixe.

Tomámos o comprimido e lá fomos nós.

Momentos depois, quando já estávamos lá em baixo, chegámos à cidade onde o Nemo estava preso e, por incrível que pareça, era a cidade do Bob Esponja. Deparámo-nos com um problema: é que o Patrick estava a escondê-lo numa fortaleza muito grande, ele estava lá no topo e em cada piso havia um guarda.

Pensámos que não dava para nadar até lá cima, mas resolvemos ver onde estava o Nemo. Ele não estava no último, mas sim no segundo.

– Intrusos! – declarou um guarda.

O peixe que nos pediu ajuda era feiticeiro e derrotou o guarda. No fim, salvámos o Nemo, os peixes agradeceram-nos e regressámos à Calheta para um belo banho de sol.

Autor e ilustrador: Zaíro Pimentel, 5.ºA

O peixe do mar

Num dia de verão com muito calor, fui tomar banho para a Praia da Vitória. Cheguei lá, estendi a toalha e deitei-me a apanhar sol.

Entretanto, comecei a ouvir um barulho. Fui até ao outro lado da praia e o barulho estava ao pé dos meus pés. Então, olhei para baixo e vi um peixe com escamas vermelhas como o sangue e olhos amarelos como um girassol.

– Eras tu que estavas a pedir ajuda? – perguntei.

– Sim, era. – respondeu. – Eu estava a brincar com a minha família e, de repente, veio uma onda muito grande que me arrastou até aqui. Será que me podes ajudar a procurar a minha família? – suplicou o peixe.

– Claro. – afirmei eu.

Eu e o peixe procurámos, procurámos, procurámos..., mas não achámos nada. Continuámos a busca por mais algum tempo e, um pouco mais à frente do local onde estava o peixe, eu encontrei a família dele.

– Eu encontrei a tua família! – anunciei-lhe, super contente.

O peixe foi a correr ao encontro da sua família.

– Muito obrigada por me teres ajudado. Se não fosses tu, eu estaria perdido.

– Não tens de me agradecer. Gosto muito de ajudar. – disse eu. – Sabes uma coisa? A minha mãe deve estar à minha procura. Vou ter de ir para casa.

– Vai ter com a tua família! – aconselhou ele. – Eu já estou com a minha.

Despedimo-nos e eu subi à superfície para regressar a casa.

Autora e ilustradora: Júlia Almeida, 5.ºA

Capítulo 2

6.º ANO

A Porta Misteriosa

- A Princesa Princesinha disse que era melhor abrir a porta oposta.

- É melhor não, pode ter alguma coisa lá. – disse a minha mãe.

- Mas é sempre melhor abrir a porta e tentar sair dessa sala. – respondeu o meu pai.

Lá foram eles, abriam a porta, estava escura. Entraram dentro da porta, mas tinham muito medo.

- Fechas os olhos e vais sempre em frente. – disse o meu pai.

Lá, a minha mãe fechou os olhos e foi sempre em frente. De repente, ouviram um barulho... ficaram assustados...o que seria? Olharam e viram aranhas, baratas e grilos!

- Agora é que não vou mesmo. – disse a minha mãe.

- Finge que não tem nada. Eu sei que é difícil, mas é o melhor. – respondeu a Princesa Princesinha.

A minha mãe fingiu que não era nada e continuou a ir para frente. Depois de passarem as aranhas, as baratas e os grilos viram uma luz muito forte: era a saída.

A minha mãe gritou de alegria:

- Vamos para casa.

- E a Princesa Princesinha, o que vamos fazer com ela? – perguntou o meu pai.

- Eu vou-me embora para a minha casa, não se preocupem. – respondeu a Princesa Princesinha.

De seguida, a Princesa Princesinha foi embora para a sua casa e eu, o meu pai e a minha mãe fomos para a nossa casa.

- Ainda bem que nós saímos daquela sala. – disse a minha mãe muito alegre - Querem comer algo?

Acenámos com a cabeça afirmativamente e lá fomos nós comer. Depois fomos dormir, pois estávamos muitos cansados.

Autora e ilustradora: Carla Fialho, 6.ºA

A Árvore das Portas

O meu pai como era muito curioso queria conhecer o local, mas a minha mãe continuava aflita, por isso, deixaram-se ficar por lá.

Podiam encontrar qualquer coisa que imaginassem por trás de cada porta.

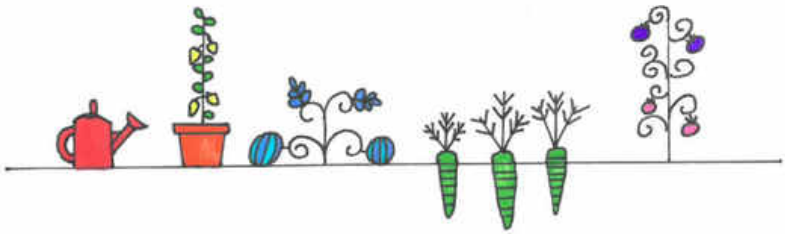
Com o passar do tempo, começaram a ficar com saudades de casa, de mim e do Bob, o nosso cão castanho muito brincalhão.

- Princesa Princesinha! – chamou o meu pai – Sabes, nós adoramos este lugar, mas já temos saudades de casa.

Ela percebeu e disse:

- Se querem mesmo voltar para casa, vamos ter que encontrar a Árvore das Portas. A única maneira possível de sair é passando pela sua grande porta.

Primeiro passaram pela horta do Sr. Grande Espinafre onde haviam muitas coisas estranhas: melancias azuis, morangos amarelos, cenouras verdes e tomates roxos, que lhes davam o dom de voar, o que ia ajudar bastante.



Seguiram a sua viagem, voaram, voaram e voaram quando à sua frente viram uma árvore gigantesca. O céu estava repleto de estrelas cadentes, o chão estava coberto de flores maravilhosas e os frutos da árvore eram brilhantes como estrelas nos seus ramos.

Por fim, despediram-se da Princesinha e assim regressaram os dois a casa.

Autor e ilustrador: Guilherme Areias, 6.ºA

A Rapariga Misteriosa

(...) Então, nós fomos para a porta que dava para o quintal do senhor Grande Espinafre. O meu pai antes de abrir a porta, perguntou à Princesa Princesinha:

- Tens a certeza que esta porta dá para o quintal do Senhor Grande Espinafre?

Mas a Princesa Princesinha tinha desaparecido.A minha mãe ficou em choque, sem saber o que fazer. Mas não desistiu. Nesse momento, o meu pai abriu uma porta e dela surgiu uma luz muito, mas muito forte. Nós entramos todos e o meu pai fechou a porta.

O senhor Grande Espinafre estava a dormir profundamente e a minha mãe disse:

- Eu vou aproveitar que ele está a dormir e vou pegar numas sementes para levar para casa.

Como a minha mãe não é tola nem nada, ela pegou em várias sementes como: sementes de melancia, abóbora, couve-flor, alface cebola e milho-doce.

- Vamos para uma outra porta. - disse o meu pai.

Mas antes de nós irmos escolher a porta, veio uma luz forte do céu e começou a dar muitos raios.

- Meu Deus, estas luzes são mais fortes que da outra porta! - disse a minha mãe.

Depois de uns segundos, parou e apareceu uma rapariga morena, loira, tinha um vestido com brilhantes.

Quando ela se virou, o rosto dela era desfocado, mas mesmo assim dava para ver que era uma rapariga muito bonita.

- Quer vir connosco, menina? - perguntou o meu pai.

- Que deselegância, nem sequer perguntaste o nome da menina. - disse a minha mãe com um ar de zangada.

- Não faz mal. O meu nome é Micaela. - disse a menina muito envergonhada.

- Então, queres vir connosco, Micaela? - perguntou minha mãe muito entusiasmada.

- Sim, claro, eu adoraria. – respondeu Micaela, muito feliz.

- Nós viemos dali, daquela porta... mas agora estamos indecisos. – disse o meu pai.

- Eu posso escolher? - perguntou Micaela.

- Sim.– responderam o meu pai e minha mãe.

A Micaela escolheu e ela abriu a porta da direita, e para lá da porta tinha um jardim cheio de flores e foram para lá. Quando colocaram o pé na relva DESAPARECERAM TODOS!!

Autora e ilustradora: Margarida Medeiros, 6.ºB

Os animais também são manhosos

Os cães e as aves são animais de estimação muito populares e para muitos inofensivos, mas não é bem assim. Duvidam? Então, eu vou contar-vos uma história.

Era uma vez um cão cor de caramelo e um papagaio cinzento que viviam na rua.

Certa manhã de primavera, os dois acordaram esfomeados e então começaram a procurar alguma coisa para encher a barriga.

Algum tempo depois, os dois viram à sua frente uma loja de animais.

- Como me apetecia um daqueles biscoitos maravilhosos! – disse o cão ao papagaio.

- Eu cá gostava de um pouco daquelas sementes! – respondeu o papagaio.

Foi então que decidiram elaborar um plano: encontraram um pedaço de papel e uma caneta perdida e começaram a pensar.

Naquela noite, puseram o plano em prática: o papagaio entrou por uma janela que estava aberta no andar de cima e destrancou a porta da frente.

Uma vez lá dentro, pegaram nos biscoitos e nas sementes e desataram a fugir enquanto soava o alarme.

Autor e ilustrador: Guilherme Areias, 6.ºA

Capítulo 3

7.º ANO

O Rapaz que Não Chora

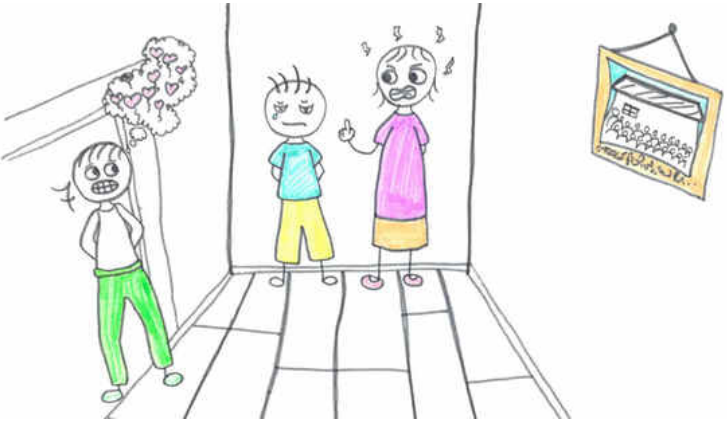
Olá, eu sou o Nicolas, e para si que está a ler isto, é um prazer conhecê-lo. Eu tenho 13 anos e em todos esses anos de vida nunca chorei, acredita nisto? Bom, eu e a minha mãe mudámo-nos para Inglaterra. No inicio, fiquei um pouco triste, porque todos os meus amigos estavam na Alemanha, mas, depois da guerra a situação não era das melhores.

É mesmo! Esqueci-me de lhe contar que estamos no ano de 1947. A minha mãe tem sofrido muito, pois é mãe solteira e, como bem sabe, uma mãe assim não é bem vista nos tempos de hoje. Como pode um absurdo desses existir em pleno século XX? Quando viemos para Inglaterra, eu não sabia nada de inglês, mas a Mary ajudou-me bastante. Eu e ela ficámos muito amigos, tanto que eu lhe contei sobre eu nunca chorar. Claro, ela fez mil e uma perguntas sobre a minha condição:

- Mesmo!? Nem quando nasceste?
- Isso significa que nunca ficaste triste!?
- Se partires algum osso, tu choras!?
- Nicolas já partiste um osso?!

Eu respondi-as todas, a Mary fez umas 10 perguntas em 30 segundos. Eu fiquei muito animado e alegre com a reação dela que só de me lembrar já abro um sorriso. Eu e a Mary somos melhores amigos, passamos os dias praticamente colados. Os nossos colegas de turma até dizem que somos o casal da turma, e para falar a verdade eu bem queria que fossemos. Quando eu cheguei à escola, ela defendeu-me das outras crianças e também sempre foi muito amorosa comigo. As outras crianças gozavam comigo só por eu ser alemão. Ainda me lembro de passar pelos corredores e, principalmente, os rapazes

chamarem-me nomes que nem vou citar para não o assustar, caro leitor ou leitora. Devo confessar que a atitude da Mary perante mim me fez talvez, talvez, apaixonar-me por ela.



A Mary nunca me tratou de forma diferente por eu ser alemão ou por eu não chorar, pelo contrário, ela gostou tanto que procurou em vários livros. Depois de algum tempo, eu também comecei a procurar informação porque queria saber o motivo de eu nunca chorar. Mas, infelizmente, nem eu nem a minha paixoneta, quer dizer melhor amiga, encontrámos a resposta.

Eu nunca conheci o meu pai, e nem quero, por ter deixado a minha mãe grávida de mim, dando a desculpa que não podia ficar com ela por ter outra família, e, por outro lado, não posso, pois, ele morreu na guerra. A minha mãe não me contou muito sobre o meu pai, mas o que sei é que ele era alguém muito poderoso, devia ser algum general ou coisa assim. Nem ele nem os meus meios-irmãos mais velhos vieram à minha procura, e não tenho curiosidade nenhuma de os conhecer.

Passaram-se então dois anos, e eu e a Mary somos namorados. Que alegria! Foram dois longos anos, mas, finalmente, ficámos juntos. Nesses aninhos, eu e a minha namorada (não imagina o quanto eu fico feliz em dizer isso!) aproximamo-nos muito um do outro, contamos tudo um ao outro, mas ultimamente ela tem andado um pouco estranha. E não me conta o motivo por nada nesse mundo! A Mary tem andado muito mais apegada a mim, mais que o normal. Só para ter uma ideia, há duas semanas atrás, ela seguiu-me para todo o lado, menos quando fui à casa de banho, aí já seria demais. Mas um dia, ela estava no pátio ao meu lado muito calada e eu sabendo que isso não era normal e como isso já estava a enervar-me, comecei a perguntar-lhe o que estava a acontecer, sem parar, e ela responde-me cabisbaixa:

- Faltam só três dias.

Eu sem entender para que faltavam três dias perguntei-lhe:

-Faltam três dias para o quê?

Não precisou ela responder-me, a Mary tinha-me dito há dois anos atrás que quando completasse 15 anos, ela e a família iriam mudar-se para a Escócia. E dali a exatamente 72 horas a Mary faria 15 anos. Naquele momento, eu percebi as ações dela e não consegui entender até hoje como dois anos passaram tão depressa.

Nesses três dias seguintes, eu implorei a minha mãe para que fossemos pelo menos ao aeroporto para que me pudesse despedir dela. Eu chateei tanto a minha mãe, que ela deixou!

Quando chegou o dia, eu dei um forte abraço na Mary e disse-lhe com a voz mais meiga que pude:

- Aqui tens o teu presente.

Era uma caixinha de música com uma bailarina lá dentro, pois eu tinha combinado com ela, no nosso primeiro dia de namoro, que quando ela fosse para a Escócia eu lha daria, para que sempre que ela a ouvisse se lembrar de mim.

Infelizmente, já estava na hora do embarque e quando a Mary desapareceu da minha vista, uma sensação nova apareceu, como uma angústia interminável. Pela primeira vez em 15 anos, o rapaz que não chora, chorou.

Autora: Inês Fernandes, 7.º A
Ilustradora: Carlota Matias, 9.º A

A pandemia

A pandemia de 2020 mudou absurdamente a vida das populações em todo o mundo. As medidas que tivemos que tomar tiveram um impacto significativo nas rotinas diárias e na vida das populações.

As medidas tomadas pelos governos incluíram o distanciamento social, o uso de máscaras e os confinamentos obrigatórios na maioria dos locais. Essas medidas afetaram profundamente a rotina diária, a economia e a saúde mental das pessoas. Os cientistas e os médicos de saúde sobrecarregaram-se de trabalho, para desenvolverem as famosas vacinas, as quais, no final do ano, começaram a ser autorizadas para uso.

A pandemia não só mostrou a fragilidade das populações, como também realçou a importância da união mundial e da ciência para enfrentar desafios como esses.

Admito que não foi uma fase muito boa, mas por ela ficámos marcados.

Autora: Sofia Azevedo, 7.º A
Ilustradora: Júlia Parreira, 7.º A

Arco-Íris

Já viste um arco-íris? Eles são lindos! Eu já vi. Não estava programado, eu acredito que foi coisa do destino.

Estava eu no meu quintal a brincar com a Nina, a minha cadela, quando a minha mãe grita da cozinha:

- Alice, vem já para dentro! Não vês que, se ficares aí neste frio, vais apanhar uma constipação!?

Assim que ouvi o que a minha mãe tinha dito, peguei na Nina ao colo para irmos para dentro de casa. Quando estava mesmo em frente à porta, olhei uma última vez para o belo quintal e para o céu, pois senti uma sensação como se alguém estivesse a olhar para mim. Foi assim que vi pela primeira vez a Íris. Quando olhei para fora, vi um lindo arco-íris e uma menina vestida com um vestido branco até os joelhos. Quando a rapariga percebeu que eu estava a olhar para ela, começou a acenar muito depressa para mim.

Eu entrei muito depressa para dentro de casa, fiquei com medo, afinal de contas não é todos os dias que se vê uma rapariga a andar de um lado para o outro, em cima de um arco-íris. Passei a correr pela cozinha, entrei no meu quarto e fiquei a pensar sobre o que tinha acabado de ver. Mas, minutos depois, dei comigo a dar muitas gargalhadas. Eu estava a rir tanto e tão alto que a minha mãe foi à porta do meu quarto perguntar-me se estava tudo bem comigo:

- Alice, estás a sentir-te bem, querida?

- Estou bem, mãe, só me lembrei de uma piada. - respondi-lhe já a parar de rir histericamente.

A partir desse dia sempre que havia um arco-íris perto da minha casa, sentia-me observada, eu sabia que era aquela rapariga, só podia ser ela. Mas o que mais me surpreendeu foi que não me sentia incomodada com o fato de ela estar sempre a olhar para mim, pelo contrário, eu fiquei feliz, agora tinha sempre companhia. Eu costumava falar com ela, mas não sabia se ela me ouvia. Então tomei coragem e um dia saí para a rua e gritei bem alto em direção ao arco-íris.

- RAPARIGA AÍ EM CIMA DO ARCO-ÍRIS, CONSEGUES OUVIR-ME? SE CONSEGUES, VEM TER COMIGO, QUERO FALAR CONTIGO!

Esperei, esperei, esperei e nada. Quando eu já tinha perdido a esperança, virei-me para trás, para entrar em casa, e levei um imenso susto. Ela estava atrás de mim, quase colada a mim. De perto, ela era ainda mais linda. Tinha os cabelos loiros como ouro acabado de ser polido, olhos cor de arco-íris. Eram cores tão vívidas! Ficamos a olhar uma para a outra, sem dizer uma única palavra. Não conseguia parar de olhar para aqueles olhos... Todo nela era magnífico! Parecia que ela era uma deusa! Até que, do nada, ela começou a passear pelo meu quintal.

Como não sabia o que dizer nem fazer comecei, simplesmente, a segui-la. Ela tocava em tudo, olhava para todo o lado, era quase como se fosse um recém-nascido a descobrir coisas novas. De certa forma, era engraçado ver a reação dela. Sempre que via algo bonito, ela virava-se para mim e, com os olhos arregalados e um belo sorriso no rosto, exclamava:

- Oh!
- Ah!
- Uau!

Nós chegámos a uma porta de madeira pintada de amarelo, que indicava que era o jardim de flores da minha mãe. Ficámos a andar pelo jardim por mais ou menos 15 minutos e, nesse tempo, eu percebi que ela estava descalça. Então, tomei coragem e perguntei-lhe, envergonhada:

- Por que estás descalça? Não tens sapatos?

Ela respondeu-me, enquanto admirava uma rosa vermelha:

- O que é um sapato?
- Tu não sabes o que é um sapato?

Ela simplesmente acenou negativamente com a cabeça. Foi então que eu percebi que ela era diferente. Ficamos a falar uma com a outa sobre coisas aleatórias, só para nos conhecermos. Descobri que ela se chamava Íris e que não sabia de onde vinha, nem quem eram os seus pais. Ela disse-me que acordou um dia em cima de um arco-íris e deixou-se lá ficar, até ao dia em que a chamei...

A partir desse dia, tornámo-nos amigas. Ela contava-me tudo o que via de cima do arco-íris; podíamos ficar horas a rir, que não nos importávamos. Mas, um dia, o arco-íris desapareceu... eu esperei um, dois, três, dias e ela não apareceu. Eu tinha perdido a minha deusa? Ela apareceria mais uma vez para mim? Eu não sabia, mas tinha esperança. Ela tinha que aparecer.

Quando eu já tinha perdido a última gota de esperança, adivinhe quem eu vejo no meio das nuvens? Ela mesma, a Íris. Ela estava toda feliz por me ver, mas eu estava tão zangada. O arco-íris tinha ido para a Indonésia, mas ela podia, pelo menos ter-me avisado:

- Por que não me avisaste!? Eu estava a ficar louca!

- Estavas assim tão preocupada, Alice? Prometo que não faço mais isso.

Ela estendeu-me o dedo mendinho e olho-me com os olhos mais doces que algum dia já vi. Quando percebi, já ela estava a contar-me as suas aventuras e de tudo o que tinha visto na Indonésia.

Sempre quis andar de avião, mas nunca pude. Eu e a íris pensámos que poderíamos rir em cima do arco-íris, juntas:

- Alice, ouve-me bem, não podes largar a minha mão.

- Ok, Íris. Anda, vamos depressa, estou ansiosa para ver a vista de lá de cima.

Quando olhei à nossa volta, estavam a aparecer partículas douradas e, quando dei por mim, já estávamos a ver a minha casa muito pequenina. Era muito giro, as pessoas pareciam formigas.

Os anos passaram-se, já estou adulta, mas não pense que nos afastámos. Infelizmente, não nos vemos com tanta frequência, mas a amizade é igualzinha à de quando eramos crianças. Ela sempre será a deusa que vi a acenar para mim de cima de um arco-íris. E ela continua linda como no primeiro dia que a vi, com aqueles olhos hipnotizantes.

Autora: Inês Fernandes, 7.º A
Ilustradoras: Joana Melo e Samantha Dinis, 7.º B

A minha mudança para o campo

Olá, sou o Marley!

Quando eu me mudei da Flórida para cá, a Pensilvânia, a única coisa que me causava impressão era o som do tiro da espingarda do vizinho.

Como sempre tive mais energia do que juízo, o novo estilo de vida campesino encaixava-me perfeitamente.

Adoro correr pelo relvado, atirar-me aos arbustos, chapinhar no riacho. Quando vejo um coelho a roer as alfaces, corro como se não houvesse amanhã, pela encosta abaixo; porém, nunca consigo caçar.

A minha estação favorita, claramente, é o outono e, para me divertir "criei" um novo jogo, o tal "ataque à pilha de folhas". Enquanto o meu dono demora horas a juntar as folhas que caem das árvores do meu quintal, fico à espera do momento perfeito para atacar, e "boom", salto em cima desses montes, feliz como uma criança quando recebe um chupa-chupa.

Essa foi a melhor mudança que alguma vez me podia acontecer: da Flórida, que tinha filas e grandes multidões, tão grandes que não cabia uma formiga, para a Pensilvânia, com os melhores vizinhos e com as melhores brincadeiras que já vivi!

Autora e ilustradora: Júlia Parreira, 7.º A

Caso sem solução

"A minha avó morreu. A pessoa que eu mais amava já não está entre nós, não posso abraçá-la, comer a comida deliciosa que ela fazia e ter as conversas aleatórias que eu tanto gostava.

Eu fui criada pela minha avó, o meu avô morreu quando eu tinha 4 anos. A minha progenitora não me queria, então ia atirar-me para a primeira valeta que encontrasse pela frente, longe o suficiente para que não me encontrassem.

Mas o meu avô descobriu a tempo. Ele brigou com a mulher que me deu à luz e não deixou que ela fizesse aquilo comigo. Por essa razão, por mais que eu não me lembre bem dele, eu amo o meu avô, porque se não fosse ele, provavelmente, não estaria aqui hoje a contar esta história.

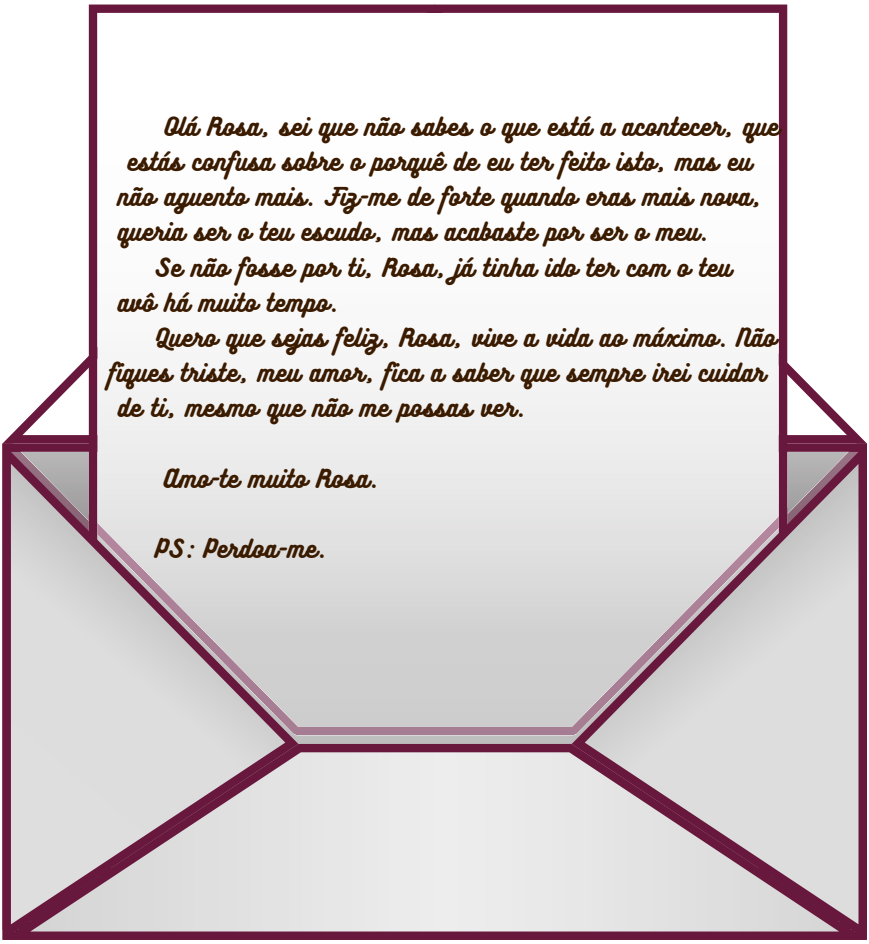
Depois de o meu avô morrer, a minha avó focou-se em fazer-me feliz. Eu pensava que ela estava a fazer aquilo para não pensar no avô, mas ela dizia-me que não me preocupasse, pois tinha-me a mim.

A minha avó ia às compras todos os santos dias. Ela saía de casa às 16:30 e voltava exatamente às 17:30. Ela apanhava todos os dias o mesmo autocarro, com o mesmo trajeto e o mesmo condutor. Mas um dia ela não voltou.

Quando isso aconteceu, eu já era adulta. Eu vivi 24 anos ao lado dela, pelo menos até há umas semanas atrás. A polícia não fez nada, dizem que não há suspeitos. Quando eu descobri o seu desaparecimento, exigi ver as câmaras de segurança, mas não encontrei nada. A minha avó simplesmente, passou por uma prateleira do supermercado e puf, desapareceu.

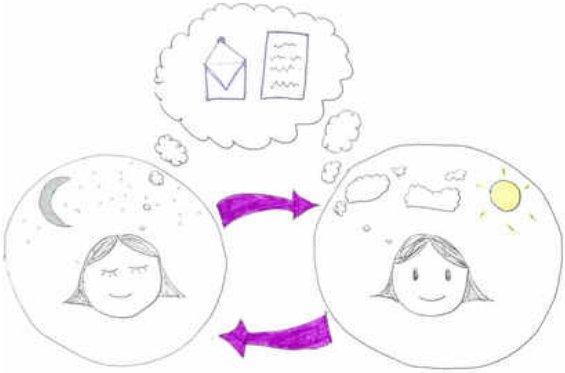
Ela foi encontrada morta, com uma faca na mão e a garganta cortada, no estacionamento. Mas isso não faz sentido, não é possível a minha avó ter ido parar lá. Ela não aparece em nenhuma câmara de segurança. É quase como se fosse um fantasma.

A polícia deu o caso como encerrado, quando encontraram uma carta, no saco das compras que ela levava. Disseram que era para mim e que ela, provavelmente, se suicidou."



Rosa não acreditou naquela carta. Ela passava dia e noite a pensar que tinha sido tudo armado. Estava em estado de negação. Qualquer coisa que fosse dita sobre a morte da avó, não importava por quem fosse, ela começava a desconfiar que tinha sido a pessoa a matar a sua avó.

Depois do período de luto, a Rosa começou a investigar sozinha o caso. Não importava o que a polícia tinha dito. Ela sabia que a sua avó não se tinha suicidado.



A letra da carta era uma cópia da letra da avó, ela sabia, pois a sua avó todos os dias fazia poemas para lhe ler à hora de dormir. Muitas das vezes, ela ajudava-a a fazer os poemas, pois adorava ver os movimentos que a avó fazia com os lápis. Rosa sabia exatamente como a sua avó fazia cada traço, cada letra, cada vírgula. Sem dúvida, a pessoa que tinha escrito a carta não tinha sido a sua avó.

Três meses tinham passado desde a morte da avó da Rosa. Ela finalmente tinha achado uma pista, uma pessoa tinha passado pela sua avó poucos minutos antes da sua morte. Rosa estava a ir ansiosamente para o local onde tinha marcado o encontro com a pessoa que finalmente lhe poderia dar um pouco de esperança para descobrir o que tinha acontecido à sua avó.

62

Foi quando Rosa acordou.

A enfermeira do hospício tinha acabado de entrar no seu quarto para lhe dar o seu remédio:

- Como dormiu, senhorita?

- A minha avó. A MINHA AVÓ, ONDE ELA ESTÁ!?

- Senhorita, sua avó morreu vai fazer um ano. Senhorita, sente-se bem? Por favor senhorita acalme-se! SEGURANÇAS!

Rosa tinha enlouquecido depois de começar a investigar a morte da sua avó. Como nunca encontrara pistas, começou a ter sonhos em que conseguia descobrir o que tinha acontecido e a ter alucinações com a sua avó viva.

Sempre que Rosa tinha esse tipo de sonhos, quando acordava, tinha surtos e não parava de chamar pela avó. As enfermeiras tinham que chamar os seguranças para lhe darem um sedativo, para ela se acalmar.

"Eu nunca consegui superar a morte da minha avó. Passei o resto dos meus dias no hospício. As pessoas olhavam-me com pena, come se realmente se importassem comigo, mentirosos, todos mentirosos. Eu odiava que me olhassem assim, mas já não tinha forças para dizer nada. Eu só queria que tudo acabasse o mais rápido possível para ir encontrar a pessoa que eu mais amava.

Aquele lugar dava-me arrepios, o meu quarto era tão apertado que eu mal conseguia respirar.

Quando fui para o hospício, eu não estava doida, mas aquelas pessoas estavam a fazer com que eu ficasse. A única coisa que sabiam fazer era entupir-me de comprimidos e diziam palavras falsas como "está tudo bem" e "a senhorita vai ficar bem". Detesto que me chamem assim, o meu nome não é esse, é Rosa."

"Isso não importa mais, pois agora estou num lugar maravilhoso, com as pessoas que amo: os meus avós. Nunca vou saber o que aconteceu com a minha avó, ela recusa-se a dizer-me. Agora só quero passar o tempo a relaxar, sem pensar no que aconteceu enquanto era viva. Acho que é o melhor que posso fazer no momento.

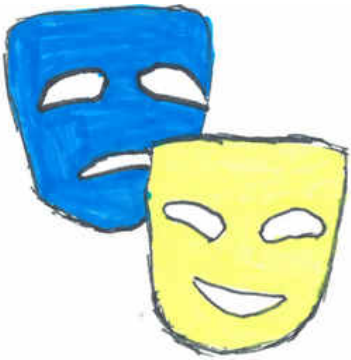
Mas, se um dia tiver a oportunidade de me vingar de quem matou a minha avó, não vou hesitar em fazê-lo."

Autora: Inês Fernandes, 7.º A
Ilustradora: Carlota Matias, 9.º A

"O Mundo é um Palco"

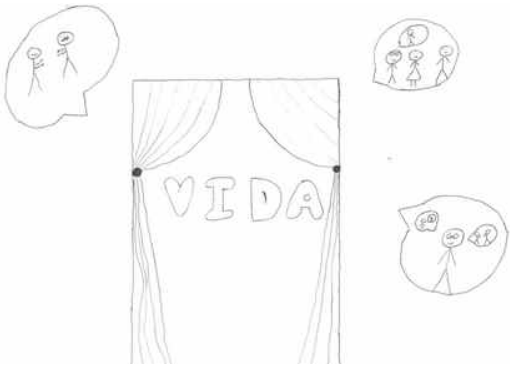
Em que todos nós participamos,
Tem as suas tragicomédias
Mas é nele que ensaiamos.
Existem vários atos, como no palco,
E tal como eles, acabam depressa.
A vida é boa, com várias fases:
Num momento somos a criança chorona,
Noutro já somos o adolescente "rebelde".
Num piscar de olhos a vida passa,
Cheia de recordações e momentos;
É cheia de encenadores,
Que não aparecem lá sem razão,
E quando menos nos apercebermos
O pano vai estar prestes a fechar
E aí vamos nos recordar
De todos os nossos momentos a representar.

Autora: Sofia Azevedo, 7.º A
Ilustradora: Júlia Parreira, 7.ºA



"O Mundo é um Palco"

A vida é um palco
Com altos e baixos
Com a idade a mudar...
Os estilos e gostos.



Depois vem a escola,
Criamos amizades
A personalidade a mudar
E os primeiros amantes.

Todos com vários papéis,
A lutar pela justiça,
Com força e garra,
À procura da esperança.

A vida é curta.
Com isso vem a velhice,
Os óculos na ponta do nariz
E a reviver todo o que fiz.

Autora e ilustradora: Matilde Cota, 7.º A

"O Mundo é um Palco"

Os seres humanos são simples personagens de um palco. E cada um é o personagem principal da sua vida, mas isso não quer dizer que não possamos ser personagens secundários ou figurantes na vida de outras pessoas.

Cada estádio da nossa vida é um ato diferente: criança, adolescente, adulto e novamente criança, a velhice.

Cada convívio que temos, seja com família, amigos e até desconhecidos, são cenas. Alguns dos desconhecidos podem ser meros figurantes ou ficarem no nosso palco por um longo tempo.

A vida é uma tragicomédia, com momentos bons e ruins. Mas na minha opinião, sem momentos ruins a vida não tem graça.

O fim da nossa participação no palco, quando morremos, é quando já acabamos todos os nossos atos.

Autora e ilustradora: Inês Fernandes, 7.º A

"O Mundo é um Palco"

William Shakespeare
Inspira todos com "o mundo é um palco";
Leva-nos a ver o mundo de outra forma,
Lemos e vemos a vida como uma peça de teatro.
Incentiva a levar a vida como um abrir e fechar de pano,
A saber aproveitar a vida,
Mais do que uma tragédia ou uma simples comédia.

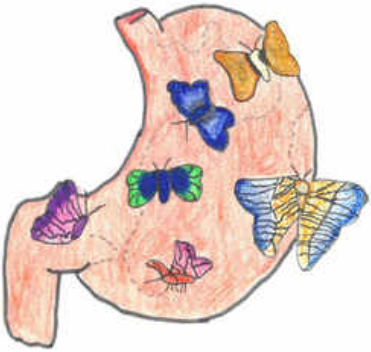
Se um dia o pano cair,
Haverá uma segunda oportunidade.
Antes de desistires, tenta chegar ao sétimo ato.
"**K**aramelo" como escrevem os idosos, é o início do sexto ato
Espalha as tuas histórias!
Será que alguém vivenciou o oitavo ato?
Podemos nem chegar ao terceiro,
Estes altos e baixos podem ser prejudiciais
Assim, percebemos que todos somos atores,
Reparem, só falta o palco para não o contrariarem!
Encenadores são os pais, dramaturgos somos nós crianças e os **s**onoplastas são as pessoas que nos rodeiam.

Autora e ilustradora: Sirla Rocha, 7.º A

Poeira de Imagens

A amizade é um jardim colorido na cabeça do ser.

Autora e ilustradora:
Joana Melo, 7.º B



O amor sincero é uma borboleta que vive no estômago do apaixonado.

Autora e ilustradora:
Samantha Dinis, 7.º B

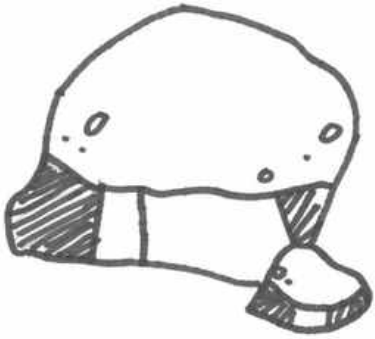
A dúvida é uma porta que vive no escuro do ser.

Autor e ilustrador:
Manuel Sarmento, 7.º B

O amor doce é o sol que vive na alma do coração.

Autor e ilustrador:
Raúl Areias, 7.º B

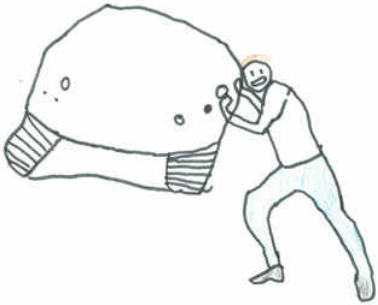
O sofrimento é uma pedra
que vive no coração da realidade.



Autor e ilustrador:
Manuel Sarmento, 7.º B

O amor é uma música que vive
no coração do homem e da mulher.

Autor e ilustrador:
Manuel Sarmento, 7.º B



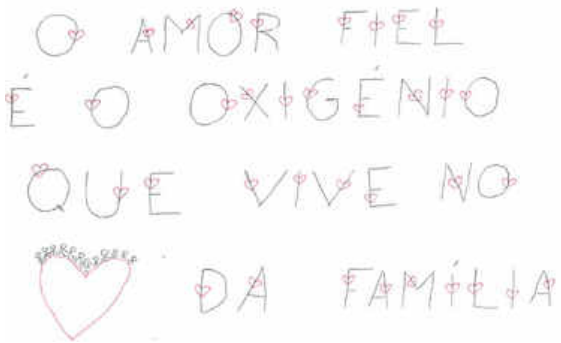
O sofrimento é uma pedra pesada que vive na alma da Humanidade.

Autor e ilustrador:
Gonçalo Lima, 7.º B

Autor e ilustrador:
Afonso Rocha, 7.º A

O amor nobre é uma flor que vive no silêncio do horizonte.

Autora e ilustradora:
Sirla Rocha, 7.º A



Autora e ilustradora:
Matilde Cota, 7.º A

A Vergonha é uma música
que vive no diário do Planeta.

Autora e ilustradora:
Gabriela Correia, 7.º A

O amor fiel é o oxigénio
no coração do ser.

Autora e ilustradora:
Marilena Wetzel, 7.º A

O amor doloroso é o sol que vive no escuro do coração.

Autora e ilustradora:
Inês Fernandes, 7.º A

Autora e ilustradora:
Maria Tristão, 7.º A

A Esperança é uma música bonita que vive no coração do ser.

Autor e ilustrador:
Mateus Rodrigues, 7.º A

Capítulo 4

8.º ANO

Sobre ela

Num dia de céu nublado
só apetece sentir o teu abraço apertado
ouvir o teu riso desafinado
e ver o teu andar apressado.

Num dia ensolarado
consigo sentir o teu olhar exagerado.

Como num dia chuvoso
que consigo sentir o teu olhar nervoso.

Autora e ilustradora: Margarida Dinis, 8.º A

A Realidade

Em Portugal, existe cada vez mais
passarinhos a sair do seu ninho,
indo embora de fininho,
que jamais irão voltar.

Os tais passarinhos terão medo
ou até mesmo agonia de viver em Portugal,
com aflição de viver a vida
vão procurar um novo lar desigual.

Com a vida a correr-lhes mal fogem,
com o dinheiro a parar de cair das árvores voam.

Portugal que é Portugal de terra, fado e saudade
com tristeza a vaguear em cada esquina
a sua desigualdade domina
no meio da sociedade.

Autora: Margarida Dinis, 8.º A
Ilustradora: Clara Alves, 8.º A

Ditadura Mascarada

Bom dia, boa noite
Aqui estão as notícias
Violência e corrupção
São das poucas não fictícias

Estou a achar
Que pouca coisa mudou
Estamos no Estado Novo?
Porque a evolução parou...

E se a corrupção vier nos visitar
Abram-lhe a porta, façam um café
Para lhe desejar:
"Seja bem vinda ao doce lar"

Vou começar um protesto
Gritar até ser novamente enganada
Isto não é uma Democracia
Estamos a viver numa Ditadura mascarada

Incêndios, revoltas
Pessoas a morar no lixo
A segurança de Portugal
Está como nunca antes em risco

Preços tão elevados
Parecem números de telefone
Deixa todos preocupados
A possibilidade de passar fome

"Vida perfeita"
Que eu não mudaria nada
Será que ninguém vê
Que a corrupção também mata?

E se a corrupção vier nos visitar
Abram-lhe a porta, façam um café
Para lhe desejar:
"Seja bem vinda ao doce lar"

Vou começar um protesto
Gritar até eu ser censurada
Isto não é uma Democracia
Estamos a viver numa Ditadura mascarada...

Bom dia Portugal, voltámos para 1974.

Autora: Joana Pereira, 8.º A.

Capítulo 5
9.º ANO

O Segredo da Floresta Encantada

Num dia ensolarado, quatro amigos chamados Laura, Beatriz, André e Júlia decidiram explorar uma floresta misteriosa que ficava perto da casa da Bia. André e Laura são irmãos e compartilham uma forte ligação familiar. André sempre foi o irmão mais velho, protetor e responsável, sempre a cuidar e orientar Laura em todas as situações. Os restantes são só amigos próximos.

Estes quatro eram grandes amigos e adoravam aventurar-se juntos todos os fins de semana. Enquanto caminhavam pela floresta, viram uma luz brilhante no meio das árvores e decidiram segui-la. Quando finalmente chegaram ao local, ficaram maravilhados ao descobrir uma fonte de água mágica. Todos sabiam da fama da floresta encantada, mas nunca imaginaram que poderiam encontrar algo tão maravilhoso como aquela fonte. Laura, Beatriz, André e Júlia aproximaram-se da água cristalina e sentiram uma sensação de paz e cura tomar conta de seus corpos. Cada um deles teve os seus males físicos e emocionais curados instantaneamente, graças ao poder daquela água milagrosa.

Em troca, a floresta exigiu que os jovens cumprissem uma boa ação para mostrarem a sua gratidão. Laura decidiu plantar novas árvores na floresta; Beatriz comprometeu-se a cuidar dos animais locais; André prometeu proteger a natureza e Júlia jurou espalhar amor e bondade por onde passasse. André e Laura decidiram organizar um dia de limpeza na querida floresta. Eles mobilizaram amigos, familiares e vizinhos para se juntarem a eles na tarefa de recolher lixo e plantar árvores no local. Beatriz cumpriu a sua promessa ao tornar-se voluntária num abrigo de animais abandonados. Ela dedicou o seu tempo livre a alimentar, dar carinho e cuidar dos bichinhos que estavam em situação de vulnerabilidade. Além disso, ela também organizou campanhas de conscientização sobre a importância da adoção responsável e da esterilização de animais de rua. Júlia decidiu iniciar um projeto para espalhar amor e bondade por onde passasse. Todos os dias, ela realizava uma boa ação: fosse a ajudar um idoso a atravessar a rua, a doar roupas a pessoas necessitadas ou simplesmente a sorrir e a cumprimentar estranhos na rua.

A partir daquele dia, os quatro jovens tornaram-se guardiões da floresta encantada, sempre protegendo e cuidando desse lugar especial. Eles aprenderam que a verdadeira magia não estava apenas na água curativa, mas também nas boas ações e no amor que podiam espalhar pelo mundo. Viveram muitas outras aventuras na floresta encantada, lembrando-se do poder da água mágica e da importância de cuidar do meio ambiente e das criaturas que nele habitam. A floresta tinha revelado um segredo precioso a eles e eles estavam determinados a honrar esse privilégio para o resto das suas vidas.

Autora e ilustradora: Carlota Matias, 9.º A

Errei, fui Poeta

Errei, fui Poeta...

Fui Poeta ao criar promessas
Que não podia cumprir.

Prometi-te o Sol, a Lua,
Cada estrela e cada astro do Universo.

Prometi-te todos os grãos de areia,
Mesmo os que caíram nas profundezas dos oceanos.

Prometi-te que o meu amor duraria tanto tempo
Quanto o tempo precisasse.

Sim, eu errei, fui Poeta...
Fui Poeta, deixei-me levar pela emoção.
Errei! Apenas segui meu coração.

Admito que errei,
Talvez, por isso, fui Poeta.

Ou fui Poeta porque errei?

Autora e ilustradora: Maria Clara Lucas, 9.º A

É urgente mudar Portugal

É urgente uma mísera estadia
Que não seja cara e que todos consigam pagar
Que faça com que a família do morador sorria
E que não precise de muito gastar

É preciso uma boa educação
Que tenha professores suficientes para ensinar
É preciso as escolas terem noção
Que sem professores as aulas não são possíveis continuar

É urgente sermos pacientes,
Mesmo que não tenhamos forças para continuar
Para quando nos formarmos estarmos cientes
Do futuro que acabámos de começar.

É urgente combater a corrupção
O que provoca o descrédito em relação aos políticos
Origina também uma grande abstenção
E faz com que acreditem menos nos políticos.

Autoras: Ana Martins e Carlota Matias, 9.ºA
Ilustradora: Carlota Matias, 9.ºA

Equipa de Trabalho

Prof. Jorge Moreira
Prof. Marco Santos
Prof.ª Maria do Natal Machado
Prof.ª Marilynn Almeida
Prof.ª Regina Ribeiro
Prof.ª Telma Rocha

Com o apoio de

Angra do Heroísmo
CÂMARA MUNICIPAL